

MULHERES AO MAR – SURFE E IDENTIDADES FEMININAS EM
TRANSIÇÃO

REFERÊNCIA

KNIJNIK, Jorge Dorfman; CRUZ, Livia Oliveira. Mulheres ao mar: surfe e identidades femininas em transição. In. Antonio Carlos Simões, Jorge Dorfman Knijnik (orgs). *O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho*. São Paulo, Aleph, 2004 (p. 253-276)

MULHERES AO MAR – SURFE E IDENTIDADES FEMININAS EM TRANSIÇÃO.¹

Jorge Dorfman Knijnik/Lívia Oliveira Cruz

COMO UMA ONDA NO MAR

When you paddle out and see a 10 meter high wave staring you in the face, it's like 'Oh my God'...Being a surfer and being involved with nature all the time gives you a different understanding of where you might find God. (Surfer in Methaphysical, 1997)

“A onda dos sonhos” (*Blue Crush*), mais um sucesso juvenil de recente safra *hollywodiana*, é um filme que mostra as mulheres em ação, sobre as ondas, em pleno Havaí. Ele retrata as peripécias e desventuras de três amigas – moças entre 18 e 20 anos, que vivem naquelas praias paradisíacas, sempre atrás das ondas e da vida prazerosa que envolve o surfe.

As ondas do Havaí são um mistério. Aquelas formações enormes, maravilhosas, que se formam sobre um solo de corais, são um desafio de ‘meter medo’ nos melhores surfistas...Grandes campeões que não conheciam os segredos das ondas gigantes já falharam ao tentar sobrepujá-las. Infelizmente, acidentes são freqüentes, pois a força do mar, em formações que lembram edifícios de seis, sete andares, atira os incautos com violência para os corais abaixo do mar, causando machucados e lesões sérias.

Mas a atração que estas ondas exercem para os surfistas é quase irresistível. A tentação de conseguir surfar uma onda de dezenas de metros, e

¹ Este texto é um dos frutos do Trabalho de Conclusão de Curso (TGI) realizado pela Lívia na Faculdade de Educação Física da Universidade Presbiteriana Mackenzie, orientada pelo Jorge, em dezembro/2003.

todas as lendas que envolvem o mar do Havai fazem com que o amante do surfe, ao ver aquele mar, tenha impulsos de se jogar e subir nas ondas, por vezes esquecendo dos perigos que elas contêm. No entanto, o prazer, a adrenalina, a conquista de subir e deslizar nestas ondas não são para qualquer um...Imaginem se seriam para qualquer uma?

E o enredo do filme, que diz respeito a uma garota que está prestes a participar do campeonato de seus sonhos, o “Pipe Masters”, foca também a pressão de competir em um dos esportes mais perigosos e agressivos do mundo e dominado por homens, ressaltando a relação destes com as mulheres que ousam surfar naquele mar. A protagonista precisa vencer o próprio medo e surfar as ondas gigantes da famosa praia “North Shore”, em Oahu. Mas um primeiro acidente faz com que os rapazes a desprezem, e coloquem os tradicionais obstáculos para impedir que aquela garota entre no mar: “estas ondas não são para mulheres! Você nunca conseguirá, irá morrer! A chance já foi dada, agora volte para as suas ondinhas”.

Porém, sempre incentivada por suas amigas surfistas, não desiste de treinar para conseguir surfar no impressionante e assustador “Pipe Masters”, cujo objetivo maior é conseguir uma boa qualificação para obter patrocínio.

Esta é uma história conhecida no esporte: as mulheres tentando adentrar numa área dominada pelos homens, e encontrando uma série de dificuldades, baseadas nas representações sobre as possibilidades (estreitas) e impossibilidades (muitas) que seus corpos possuem para praticar determinadas atividades. São centenas de exemplos históricos que dão conta da visão hegemônica que o corpo da mulher é frágil, gracioso, e que possuía como função cumprir tarefas pré-estabelecidas, como a maternidade. (Knijnik, 2003).

Entretanto, as mulheres foram à luta. Sua participação crescente no esporte, qualquer que seja o nível, é uma realidade visível a olho nu, e comprovada por diversas estatísticas, que mostram o incremento quantitativo de mulheres em grandes competições como Olimpíadas, por exemplo.

E o surfe, neste quesito, não é diferente. As mulheres vêm se apropriando cada vez mais de pedaços do mar que antes eram habitados somente por homens. Remando em suas pranchas, subindo e descendo ondas, elas criam uma nova realidade tanto para o surfe, quanto para o esporte e as pesquisas referentes a presença deste na sociedade.

Ora, os atributos de coragem, a destreza e a habilidade requeridas pelo surfe, juntamente com o corpo considerado forte o suficiente para sua prática, entre outras dificuldades e representações sociais sobre a modalidade, fizeram com que por décadas o surfe fosse um esporte dominado por homens, que raramente dividiam o mar com as mulheres. A elas restava o papel de espectadoras, sentadas na areia esperando os namorados saírem do mar. Enfim, uma tradicional atuação passiva, restrita a admiradoras e torcedoras: o papel “feminino” por excelência.

Entretanto, como já afirmado, esta realidade está mudando, e a grande imprensa vem retratando isso. A Revista Veja, em edição recente (janeiro de 2003) publicou matéria sobre o assunto, na qual dizia que cenas de garotas carregando pranchas debaixo do braço não são mais consideradas exóticas. Já a Folha de São Paulo², em seu suplemento *Teen* (Folhateen, 12 de abril/2004) colocou na capa e nas páginas centrais chamadas sobre o “surfe de biquíni”, que falava das meninas que “vão invadir a sua praia” – “chega de banho de sol

² A Veja é a revista semanal de maior circulação nacional; já a Folha de São Paulo é o jornal diário de maior circulação nacional.

na areia, diz o jornal: cada vez mais garotas sobem em pranchas e encaram, de pé, as paredes de água no mar”.

Não é difícil perceber algumas razões dessa disseminação do esporte. A brasileira adora praia, e “todo mundo” conhece ou já conheceu alguém que pratica o surfe. Por isso, muitas começam a surfar por diversão, nas férias, com uma prancha emprestada. Então tomam gosto pelo esporte, e, ao invés de ir à praia somente nas férias e feriados, passam a frequentá-la quase todos os finais de semana, lutam para conseguir a própria prancha, e se jogam no mar.

O surgimento de escolinhas e clínicas de surfe somente para o público feminino apenas reforça a tendência que o cinema vem apresentando³ : é cada vez mais corriqueiro vermos um grupo de garotas se reunindo para passar o final de semana na praia “pegando onda”. A heroína do filme inicialmente retratada, de fato protagoniza uma cena ordinária, e uma história que se repete e dá nome a este estudo: “mulheres ao mar”, ou seja, que deslizam sobre ondas, encaram os perigos e as delícias que os mares propõem, em nome do prazer imensurável que este esporte propicia.

E estudar as mulheres no ambiente do surfe é muito diferente do que pesquisar mulheres em ambientes de quadra. No surfe, por exemplo, não dá para se esconder: os corpos estão à mostra, os biquínis estão à vista. Ou seja, o espaço e o *status* do corpo são bem diferenciados daqueles existentes em quadras cobertas, em modalidades com contato físico, nas quais o corpo está totalmente coberto, e mesmo em piscinas, que são fechadas e possuem outros códigos corporais.

Por ser o surfe obviamente praticado em um ambiente externo, e também pelo fato da praia brasileira ser um local no qual os corpos estão à

mostra o tempo todo, é aí que a idéia de *corpo perfeito* se faz mais presente. O culto ao corpo, muitas vezes visto como objeto de consumo se coloca hoje como preocupação generalizada, que atravessa todos os setores, classes sociais e faixas etárias. Este movimento, mascarado muitas vezes por um discurso enfocado na saúde, permite entrever que ideais estéticos estão presentes e são uma preocupação constante de mulheres e homens, atletas ou não. E que discutir o corpo atlético, seus limites e possibilidades, é falar sobre valores e representações simbólicas da sociedade contemporânea, relativas aos seus corpos. (Castro, 1998).

O corpo nunca esteve tão em evidência, nas imagens da mídia e da publicidade, bem como no mundo esportivo, repleto de estéticas corporais mercantilizadas. As imagens do corpo *sarado* e saudável se apresentam como um sucesso pessoal. Na praia, a exposição dos corpos deixa entrever uma grande preocupação com o corpo das atletas, que talvez ganhe formas “não-condizentes” com valores e expectativas ainda arraigados em relação ao corpo feminino. E a postura corporal ativa, desafiadora que a surfista precisa assumir, questiona a tradicional passividade da mulher. São *poderosas* as “mulheres do mar!”

As surfistas, na contemporaneidade, vêm remodelando e criando novas formas de ser e habitar o mundo, a partir de sua prática corporal. No entanto, visto que o ambiente *praieiro* no qual o esporte está inserido favorece a pressão por um corpo perfeito, e estimula a manutenção de certos padrões ideais de beleza, como está se dando esta remodelação dos corpos femininos que surfam? Constróem elas um novo jeito de ser mulher, ou reproduzem, mesmo que sobre as ondas, antigas relações de submissão e controle social a

³ Além de “A onda dos sonhos”, quem não se lembra de “As Panteras - Detonando” (Charlie Angels), no qual a impagável Cameron Diaz surge surfando ondas incríveis, sendo dublada pela americana Lisa Andersen, tri-campeã

partir e no corpo da mulher? Assim, reveste-se de especial relevância investigar esta prática e verificar como as atletas do mar repassam (novos?) modelos corporais e mesmo de vida para o imaginário social e coletivo.

Desta maneira, o *foco* deste capítulo é estudar o universo das mulheres que surfam, tendo o corpo da surfista, como substrato para a reflexão sobre os limites e avanços da construção e reconfiguração de novas feminilidades, questionadoras ou, ao contrário, reafirmadoras das relações de gênero tradicionais, agora travestidas de novas formas, mas mantenedoras da submissão dos corpos aos controles e valores hegemônicos.

Para tal, traçamos um breve histórico do surfe, concomitantemente às histórias das mulheres que surfam, das pioneiras às aqui entrevistadas. Em seguida, discutimos as entrevistas de seis atletas, as quais foram realizadas em 2003, durante eventos como o *Circuito Paulista de Surf Universitário* (nessa competição participam estudantes matriculados nas universidades do Estado de São Paulo), o *Super Surf 2003* (etapa do circuito brasileiro profissional, no qual participam os melhores surfistas do Brasil), o *Circuito Municipal Ubatubense 2003* (competição exclusiva para atletas que residem na cidade de Ubatuba) e o *Billabong Girl 2003 – Circuito “a onda dos sonhos”* (competição que congrega as melhores surfistas do Brasil). Estas atletas foram selecionadas entre voluntárias que participaram de outro estudo sobre imagem corporal da atleta surfista⁴.

Como à época das entrevistas foi combinado com as atletas que os seus nomes não seriam divulgados, optamos aqui por ocultá-las atrás de ‘nomes-fantasia’⁵

mundial de surfe.

⁴ CRUZ, L.O. ; KNIJNIK, J.D. Amazonas dos sete mares: a imagem corporal da surfista brasileira (no prelo)

⁵ Os “nomes - fantasia” homenageiam assim tanto as filhas de um dos autores deste texto como as irmãs da outra autora.

HISTÓRIA DO SURFE

Para Kampion e Brown (1998), “surfe é o ato de apanhar uma onda em cima de uma prancha” (p.27).

Porém, para muitas pessoas, principalmente para os amantes desse esporte, o surfe é muito mais do que isso. Surfar é interagir com a natureza. É fazer parte de um cenário único e indescritível. Pode-se dizer que o surfe faz com que o indivíduo entre em outra sintonia, funcionando até mesmo como uma válvula de escape para o stress e angústias cotidianas. Além disso, surfar é uma atividade que conecta o praticante com seu interior: ao se concentrar inteiramente, ao superar as ondas, ao se integrar e ao mesmo tempo desafiar a natureza, o surfista vive de corpo e alma algo que somente quem surfa sabe o que é. Sensação indescritível, surfar é estar vivo.

Existem várias denominações para os esportes que são praticados junto à natureza. O surfe, juntamente com outras atividades (montanhismo, rafting, vôo livre e outros), pode ser classificado como esporte de aventura, esporte radical, extremo, entre outros.

Marinho (1999), afirma que,

(...) Nos “esportes de aventura” o prazer é mediado pelo risco, pela vertigem, marcando os limites da liberdade e da vida. O envolvimento profundo com a prática dessas atividades pode resultar na conquista do desejado “estar livre” fazendo com que seja assumido um compromisso (criativo) de vida (p.68).

Esta é a história do surfe, marcada pela busca constante de liberdade e de desafio à natureza. Ele existe há séculos, e surgiu no Havaí e Polinésia

(Finney; Houston⁶, 1966 apud Butts, 2003). Em um dia de Fevereiro de 1778, o capitão *James Cook* fez o primeiro registro escrito do surfe. Estava navegando em seu barco quando este foi empurrado para Baía de *Kealakekua* nas ilhas havaianas. *Cook* ficou fascinado ao avistar homens e mulheres sobre longas placas de madeira em ondas imensas (Dixon⁷, 1966 apud Butts, 2003).

Deslizar pelas ondas utilizando uma pequena prancha de madeira, fazia parte da rotina da maioria dos ilhéus da Polinésia. E, entre os povos polinésios, foram os havaianos que desenvolveram pranchas enormes, refinaram-se na arte do *shape*, criaram novas técnicas e elevaram o surfe ao mais alto patamar dentro de sua cultura (Finney & Houston⁸, 1995 apud Árias, 2003, A).

Para surfar, qualquer coisa que boiasse podia ser usada, até mesmo pedaços de troncos de coqueiros (Árias, 2003, A). O surfe era praticado principalmente por crianças, e quase exclusivamente por meninos na maioria das ilhas do oeste da Polinésia. Era uma brincadeira infantil, um passatempo. Porém, no Taiti, nas ilhas Marquesas, nas ilhas Sociedade, ilhas Cook, Rapa Nui, Havaí e Aotearoa, o surfe era um esporte praticado por homens, mulheres e crianças, de diferentes idades (Finney & Houston, 1995 apud Árias, 2003, A).

Quando o surfe chegou à civilização ocidental, por meio dos colonizadores da Polinésia, desembarcou “com tudo” na Califórnia, no início do século XX.

Nos anos 20, algumas mulheres já “montavam” em pranchas, porém o surfe permaneceu um esporte predominantemente masculino. O

⁶ FINNEY, B.R., & HOUSTON, J.D. (1966). *Surfing: The sport of Hawaiian kings*. Rutland, Vermont: Charles E. Tuttle Co.

⁷ DIXON, P. L. (1966). *Men and the waves: A treasury of surfing*. New York: Coward-McCann, Inc.

comportamento *bad-boy* machista dos surfistas se tornou um ritual tribal. Essa exclusão das mulheres na prática do surfe talvez tenha sido, no início, pelo tamanho e peso do equipamento (prancha); mais tarde, “era um hábito cultural, uma espécie de clube masculino” (KAMPION & BROWN, 1998).

Mesmo assim, nos anos 50 as mulheres surfaram em Malibu. Foi em cima de uma prancha *potato chip* (uma das primeiras pranchas) que, em 1950 Vick Flaxman surfou na crista da onda até à praia e arrancou um enorme aplauso dos homens (Kampion & Brown, 1998).

Nos anos 50, 60 e 70, muitas surfistas surgiram e se destacaram no mundo do esporte. Destaque para Lisa Andersen, que se tornou profissional em 1987, e conquistou seu terceiro título mundial em 1996, sendo que no verão anterior, Lisa foi uma das quatro surfistas convidadas a juntarem-se aos 48 homens no *World Championship Tour* (WCT). Foi aí que obteve respeito considerável dos atletas masculinos, e, a partir de então, a fama de Lisa Andersen estava consolidada (Kampion & Brown, 1998).

Já no Brasil, o primeiro registro do surfe gera polêmica. Existem alguns candidatos à vaga de pioneiro, mas o principal é o santista Thomas Rittscher, que teria ficado em pé sobre uma prancha entre 1934 e 1936 (Chaves, 2003).

Registros históricos apontam que a carioca Fernanda Guerra talvez tenha sido a primeira surfista brasileira. Ela começou a praticar o esporte com onze anos, em 1960. A surfista logo fez amizade com um grupo de oito homens surfistas, e conta que a amizade entre todos era leal e não existiam brincadeiras machistas; mas o fato de gostarem do surfe era motivo de preconceito por parte da polícia, que costumeiramente detinha suas pranchas.

⁸ FINNEY, B. & HOUSTON, J. D. Surfing, A History of Ancient Hawaiian Sport. *Pomegranate Artbooks*. San Francisco, 1995.

Apaixonada pelo surfe, Fernanda surfa até hoje, diariamente das sete às oito e meia da manhã (MINC, 2002).

Andréa Lopes é outra pioneira no cenário do surfe nacional: foi a primeira surfista brasileira a participar do circuito mundial, a primeira a vencer uma etapa do WCT (*World Championship Tour*, circuito de elite do surfe profissional), além de ser também a primeira surfista profissional brasileira a ter seu próprio *website* na Internet para divulgar o seu trabalho e sua vida. (Lopes, 2003).

HISTÓRIAS DAS SURFISTAS

O início da vida esportiva das surfistas aqui entrevistadas se assemelha com diversos relatos de surfistas. A paixão pelo mar, o fascínio pelo surfe, amigos que surfavam... *Luiza* conta “ *Foi um amigo meu que me chamou para surfar. Eu fui e apaixonei na primeira vez*”. E, sobretudo, o início com outros equipamentos deslizantes mais fáceis, o “sonrisal” (deslizando na beirinha do mar) ou mesmo uma modalidade que até pouco tempo parecia que seria o “surfe das mulheres”: o *bodyboard*, uma prancha na qual se desce a onda deitada, como se estivesse se ‘pegando jacaré’.

Marina atesta isso, afirmando que “*eu surfava de body board, mas meus amigos sempre falavam que eu não tinha cara de body boarder, que eu tinha cara de surfista [...]. Aí eu ganhei uma prancha e comecei sozinha mesmo*”.

A admiração e o entusiasmo com o surfe fez com que, destas seis atletas, cinco mudassem de cidade em função da modalidade. *Ana* morava no interior de São Paulo, mas “*a oportunidade que apareceu foi ter a faculdade que eu queria no litoral, em Ubatuba. Escolhi Ubatuba porque é um ‘pico’ irado de surfe [...]*”.

Outra atleta esperou terminar a faculdade em São Paulo, para então se mudar para Florianópolis, lugar escolhido também por *Juliana*, surfista nordestina, que afirma: “*Agora eu moro em Florianópolis, porque lá tem mais infra-estrutura para o surfe de competição*”.

Outra entrevistada, também do nordeste, optou pelo Rio de Janeiro. Por fim, a única surfista entrevistada que reside em São Paulo, vai todos os finais de semana para a praia praticar a modalidade, e espera ansiosamente o término da faculdade para poder se dedicar em tempo integral ao esporte, para conseguir fazer deste sua profissão.

Meninas e mulheres atletas sempre comentam que a família, seus pais, têm uma preocupação exagerada com a sua atividade esportiva, principalmente no que tange a sua segurança e conveniência da atividade. Lucato, Knijnik e Simões (2001) observaram que os pais tendem a focar mais nos meninos a sua inquietação quanto ao desempenho e resultados no esporte – os comportamentos lúdicos e sem tanta apreensão com o futuro atlético ficam mais reservados para as meninas. Já Dowling (2000), pesquisando a vida de mulheres atletas, percebeu que muitas foram incentivadas em seus interesses, ou mesmo descobriram suas aptidões esportivas por meio das figuras paternas, que motivavam o trabalho duro para se atingir objetivos no esporte, sobretudo quando eram técnicos esportivos também.

A família das surfistas também aparece em seus relatos como uma preocupação constante. Somente uma, das seis atletas, afirma que teve total apoio da família desde o início da prática do esporte. As demais citam preocupações iniciais por parte da mãe e/ou pai. *Luiza* afirma que “*minha mãe ficou bastante assustada. Quando o mar estava grande, ela ia atrás de mim, ia me procurar [...]. Era muita preocupação, mais preocupação do que não querer que eu surfasse*”.

Já *Marina* acha que a preocupação do pai era normal, “*meu pai ficava com um pouco de medo, mas ele sempre me apoiou. Só que é lógico que ele se preocupava. Tinha medo que eu me machucasse*”.

A presença da família é uma constante em relatos de mulheres esportistas. Ora impedindo, vetando e boicotando a participação esportiva, ora convencendo o treinador a “pegar mais leve” do que com os meninos - a participação dos pais é sempre citada como parte principal do envolvimento das atletas com os vários esportes (Lucato, Knijnik e Simões, 2001).

Um dos medos comuns que os pais manifestam é relacionado ao estilo de vida surfista, alguém que aparece no imaginário popular como um *easy rider*, sem eira nem beira, que vive “flauteando na praia”, entre ondas, drogas e mulheres.

Esse estereótipo que os surfistas carregavam até pouco tempo atrás, talvez tenha surgido, segundo Árias (2003), no século IX, após a chegada dos europeus nas ilhas polinésias. O autor afirma que

Talvez o estigma do surfista, estereotipado como eterno vagabundo, tenha nascido do choque cultural entre duas das mais distintas sociedades existentes no mundo, a dos polinésios, que reverenciava a vida, e a dos ocidentais, cujos principais modelos foram orientados para a degradação do meio ambiente com fins puramente de acumulação de bens e riquezas (p.12).

O estigma do surfista vagabundo também marca a vivência esportiva destas atletas. *Ana* conta que seus pais sempre quiseram recompensas financeiras, e que só agora estão tranquilos. “*os dois sempre me apoiaram muito por ser esporte. Mas meu pai ficava um pouco ‘assim’ porque não via*

isso como se fosse um meio de trabalho, ficava cobrando um trabalho. Mas hoje os dois estão super ‘amarradões’, porque agora está dando retorno”.

Juliana ressalta esta preocupação, falando que na sua cidade há um estigma quanto à atividade. “*Lá em Maceió o surfe estava meio ligado à droga e a essas coisas. Mas depois minha mãe começou a aceitar, porque ela viu que eu me amarrava mesmo. Hoje ela é minha maior incentivadora, porque ela viu que realmente é uma profissão”.*

CORPOS DO SURFE

O corpo sempre foi motivo de polêmicas e preconceitos envolvendo as mulheres no cenário esportivo. Em diversos contextos sociais e períodos históricos, o corpo da mulher foi visto como limitado e frágil, sendo assim cerceado e até vetado de realizar todas ou determinadas atividades físicas – atos que receberam justificativas que variavam desde a exaltação do “belo sexo”, passando por teorias biológicas que sustentavam incapacidades e fragilidades físicas inatas, e chegando-se às afirmações que a mulher deveria resguardar as suas energias para gerar filhos sadios e fortes.

Dentre os mitos que sustentaram a fragilidade do corpo (e do ser) feminino, Dowling (2000), destaca o da imagem corporal contraída e fragilizada, e o mito da habilidade inata – desta forma, para a autora, as meninas crescem pensando que elas, naturalmente, possuem pouca predisposição para a realização de proezas físicas, enquanto os meninos seriam biologicamente propensos a serem espertos fisicamente, espontaneamente teriam maior destreza e desenvoltura físicas.

Na atualidade, o mito da fragilidade confunde-se com a questão da masculinização do corpo feminino. O corpo da mulher tem determinadas

dimensões que devem ser respeitadas, jamais ultrapassadas...São aceitáveis corpos firmes, com músculos, mas não muito fortes, nunca ser mais forte que os homens, deve ser mantida a feminilidade... As mulheres incorporam este discurso: as atletas sonham com corpos que sejam concomitantemente atléticos e belos, femininos (Knijnik, 2003). Some-se a isto o papel central, a demasiada importância que a cultura brasileira enxerga na aparência feminina, um processo que, segundo Adelman (p.) “() ocorre em todas as classes sociais: as meninas crescem em ambientes que valorizam o corpo ‘feminino e charmoso’, e que as incita – dando dicas de exercícios, etc – a manterem ou atingirem este corpo ideal. O “projeto de corpo”, como aponta Adelman (2003), na educação das mulheres passa pelos quesitos da feminilidade e do aperfeiçoamento desta conforme padrões rígidos e pré - estabelecidos de beleza.

As surfistas, logicamente, também são parte deste contexto que coloca o corpo feminino como objeto de idolatria e mesmo de consumo, sobretudo por estarem num ambiente em que a “ditadura do biquíni” tende a prevalecer: na praia, com os corpos à mostra, é muito difícil não se render aos padrões idealizados, sancionados por processos de comunicação e troca social - mesmo porque estes padrões, ao serem seguidos, rendem pontos num *ranking* imaginário de *status* corporal, e também numa corrida real por patrocinadores, verbas para treinamento e sustento dentro do próprio esporte.

Num dado momento da conversa, quando se adentrou na questão do corpo, como este é visto e falado no meio do surfe, Marina afirmou que elas reparam nos corpos das outras, “*assim: ah, essa menina é forte. Porque realmente você fica bem diferente, os ombros crescem, e não é muito comum*”. Juliana confirma dizendo que “*em qualquer assunto que tem um monte de mulher, a galera comenta sobre isso. Ainda mais na praia*”. Raquel

ressalta essa preocupação destacando outro aspecto corporal: “*Até as meninas às vezes zoam quem é mais gordinha, quem é mais magrinha [...]*”. Carol mostra uma preocupação com a feminilidade das atletas ao afirmar que “*a gente só comenta que a surfista tem que ser feminina [...]*”. E também faz uma comparação pelo fato do surfe ser um esporte historicamente masculino:

[...] porque é um esporte que por muitos anos, dito como masculino, você tem que botar um bermudão e andar quadrado assim, dura. Não é o corpo em si, mas tipo, o jeito de ser. O jeito feminino. Eu acho que tem que manter.

Este depoimento mostra uma identidade de gênero incrível. As moças declaram que há um ‘jeito feminino’, apenas um, e isso deve ser mantido, custe o que custar, *apesar* de fazerem surfe. Será que aí estaria implícito que o esporte é masculino, mas podemos feminilizá-lo com o ‘toque’ feminino? Quando se passeia pela praia, em locais onde há surfistas mulheres, ou em competições de moças, isto fica claro quando enxergamos pranchas grandes, repletas de adesivos rosas, indicando que são pranchas de mulheres – o rosa é a cor oficial ‘delas’.

E a imagem corporal é um quesito fundamental para se manter a feminilidade. Ainda discutindo sobre o corpo, as outras três surfistas citam o crescimento dos ombros (conseqüência da modalidade), sendo que uma delas complementa que as outras pessoas acham que as meninas ficam mais masculinizadas, e Ana afirma que, por uma questão estética, têm que praticar outro esporte que enfatize a região inferior do corpo para compensar o crescimento dos braços e ombros, “*a gente tem que estar fazendo outro esporte pra compensar em baixo, pra não ficar tão feia*”.

Como coloca Adelman (2003, p. 451)

O corpo 'feminino' é padronizado em termos de tamanho (altura, corpulência, etc) forma ('curvas', firmeza, ou ausência de musculatura, etc), postura e movimento. Tem, segundo Bartky, uma forma 'feminina' de estar no espaço que é o de limitação: deferência, e diminuição, em lugar de expansividade.

Ou seja, o que está em jogo é o eterno conflito entre uma suposta natureza ideal feminina e as necessidades e vicissitudes do esporte, que realmente modificam este corpo, tornando-o maior, grande, expansivo – logo, um corpo masculino; no imaginário social, um corpo daquela que é a última na hierarquia social, o temor de todas em serem confundidas com uma 'mulher-macho' – a que tem o corpo de homem, e não terá filhos, não cumprirá, em última análise, o papel primeiro da mulher: a maternidade.

Apesar de todas essas declarações, cinco atletas relatam que não se preocupam com 'isso', com a vaidade – apenas as outras surfistas do circuito têm este desassossego, elas não. Somente *Carol* afirma (ou confessa) que a questão do corpo a incomoda, declarando que tem que se sentir bem, estar legal consigo mesma, “*eu me incomodo, tipo, será que eu estou legal e tal. Até mesmo no surfe, eu gosto de estar mais leve, eu surfo melhor do que quando eu estou mais pesada*”.

O surfe é um esporte praticado na praia, e Farias (2002), analisa as expressões e reações dos corpos neste ambiente. A autora afirma que a praia proporciona um tipo de excitação e busca de auto-satisfação nas pessoas, sendo que ambos “sentimentos” se centram no corpo – daí a possíveis corpolatrias a distância é mínima. O corpo recebe estímulos sensoriais através

da interação com outros seres humanos e por via do contato com o ambiente natural (Farias, 2002). A autora comenta que:

Este aspecto marca o caráter único da experiência da praia, já que essa é uma espécie de sociabilidade que se traduz em corpos em situação de extrema intimidade entre amigos, parentes e desconhecidos. A praia, dessa forma, é uma experiência coletiva que une o máximo de descontração com o máximo de estranheza, realizando-se num espaço aberto, público, gratuito (p.264).

Na praia, a cor bronzeada, o andar, o tipo de calção/biquíni usado, adereços, postura, conferem sinais de status (Farias, 2002). Comentando sobre essa questão, em um dado momento da entrevista, a surfista *Luiza* afirma surfar sempre de *shortinho* ou *sunguinha* pelo fato de saber que os meninos comentam sobre o biquíni pequenininho que algumas surfistas usam. Porém, diz também que “[...] quando a praia está vazia, uso biquininho pra ficar com a *marquinha*, *bonitinho*”.

De fato, se o corpo da mulher não pende para o seu lado maternal, a sexualização deste corpo tem que estar presente – mesmo que sejam corpos poderosos, afinal, são garotas que pegam ondas difíceis, com um preparo físico, técnico e mental fantástico para encarar estes desafios!

Sobre esse desejo que as mulheres possuem em ficar bronzeadas, com *marquinha de biquíni*, Farias (2002) comenta que:

A cor bronzeada, o estar moreno, tem o mais alto grau de positividade na hierarquia das cores na praia, sendo sinônimo de beleza e saúde (p.276).

Ainda sobre o corpo na praia, Leão (2003) faz uma ligação sobre este tema com as mulheres no surfe:

[...] a cultura do surfe sempre esteve ligada à imagem de belas mulheres. Faz parte da história das revistas especializadas estampar fotos de garotas esculturais ao lado de ondas incríveis. Os cortes de cabelo e os modelos dos biquínis mudaram com o tempo, mas o estereótipo de mechas loiras, olhos claros, pele dourada e corpo de modelo prevalecem (p.81).

Dos anos 90 em diante, as meninas começaram a levar o surfe a sério. Trocaram o papel de figurantes por protagonistas. Com essa mudança vieram as transformações em seus corpos. Leão (2003) complementa:

Atletas que treinam três ou quatro horas por dia ficam com o cabelo e a pele detonados pelo sol, músculos fortes e costas largas. À medida que o esporte cresceu, as surfistas magrinhas, delicadas e gostosas deixaram de ser maioria no mar e na areia (p.81).

E com será esta convivência com corpos de mulheres que não se enquadram nas expectativas e estereótipos do feminino? Como é visto o corpo feminino que pratica esporte? Goellner (2000), ao discutir este tema, escreve que:

Ao corpo feminino excessivamente transformado pelo exercício físico e pelo treinamento contínuo são atribuídas características viris que não apenas questionam a beleza e a feminilidade da mulher, mas também colocam em dúvida a autenticidade do seu sexo (p.65).

CÍRCULOS VICIOSOS A RESPEITO DA IMAGEM NA MÍDIA, CONSEQUENTEMENTE DOS PATROCINADORES, LOGO DO DINHEIRO, QUE FAVORECE O TREINO E A MELHORA NA MÍDIA..

Há algum tempo, os preconceitos existiam em relação à fragilidade e incapacidade do corpo feminino para prática de diversas modalidades; atualmente esse preconceito existe em relação ao corpo atlético da mulher, que nem sempre pode e quer corresponder a padrões de beleza determinados pela sociedade (Knijnik, 2003).

Esses padrões de feminilidade são como que ‘exigidos’ pela mídia e pelo público - que elegem as suas ‘favoritas’ entre as mais bonitas e gostosas, e não dentre as melhores. Isto acaba ‘forçando’ as atletas a realçarem seus aspectos femininos antes, durante e depois da competição, muitas vezes deixando de lado as necessidades esportivas propriamente ditas (Knijnik e Simões, 2000).

O surfe sempre foi um esporte tradicionalmente dominado por homens. E, segundo Kolnes (1995), as atletas que atuam em áreas tradicionalmente masculinas fazem o possível para provar para elas mesmas e para os outros que são realmente mulheres.

Essa questão é muito forte e presente no mundo do surfe, que apesar de ser cada vez mais conhecido e admirado – sendo, como citado anteriormente, o segundo esporte com maior número de adeptos no Brasil (<http://waves.terra.com.br/biquinifashion>), ainda é pouco explorado pela mídia e meios de comunicação. E aspectos envolvendo patrocínio e imagem publicitária, segundo a maioria das surfistas entrevistadas, estão diretamente ligadas a aparência da atleta e a sua feminilidade. Quando indagadas sobre a

participação da mulher na mídia, as nossas entrevistadas possuem opiniões bem firmes:

Eu acho que é pela aparência dela. Que eles vão atrás das bonitinhas, sempre tem uma reportagem sobre aquela menina que é mais bonitinha, mais arrumadinha, que tem mais estilo. Às vezes não é nem tanto beleza, mas tem umas meninas que chamam mais atenção (LUIZA).

Elas vão conquistando espaço pelo surfe delas, mas eu acho assim, por exemplo, a melhor surfista do Brasil pra mim é a Tita. E a Tita aparece bem menos por causa da beleza, e isso é fato. Porque as loirinhas, as bonitinhas aparecem mais, mesmo não surfando tanto (MARINA).

E ela ainda complementa, logo após a afirmação acima, sobre o patrocínio:

Beleza conta. O jeito da pessoa: a menina ser esperta, a menina saber falar, a menina ser simpática, ter um sorriso. Rola muito isso. Porque a menina está representando a marca, então, é melhor ter uma atitude dentro e fora da água, uma atitude boa. A menina não ser vulgar, não ser pirada. Rola também muito você conhecer a pessoa certa, entendeu (MARINA).

Carol e Ana reforçam:

Infelizmente beleza e aparência conta, entendeu. Não é só resultado, é você se expor, ou a maneira que você é, decidida, ou conhecer pessoas

que te envolvam. É muita coisa. Não é uma coisa só, é muita coisa junta (CAROL).

Tem aquele preconceito de uma ser mais bonitinha. Eles pegam a menina bonitinha pra patrocínio. Às vezes nem surfa muito, mas patrocina porque ela é bonitinha. Isso é a mídia, é o marketing. Eles usam a aparência muito no marketing. Acho que é injusto isso porque tem muita menina que “quebra” no surfe, e tem marca que não patrocina, não valoriza. As meninas estão aí podendo correr o mundial, só que não vão porque não têm dinheiro, não tem ninguém apoiando (ANA).

Knijnik (2003) observou que a mídia destaca os homens por suas performances atléticas, e as mulheres que correspondem às suas preferências estéticas, porém sem relação com suas qualidades técnicas como atletas.

Na reportagem da revista TPM - “Trip Para Mulheres” (2003), os patrocinadores e três surfistas profissionais opinaram sobre esse tema. Como o surfe que praticam é impecável, as atletas concluíram que não conseguem atrair patrocínio porque estão distantes da imagem de belas mulheres que sempre esteve associada ao esporte (Leão, 2003).

A surfista Tita Tavares, do Ceará, famosa por surfar com a mesma ‘radicalidade’ dos homens, apesar de acumular títulos, ficou um ano e seis meses sem patrocínio. A surfista comenta nesta mesma revista o período que viajou para o Havaí em 2002 para competir a última etapa do WCT (*World Championship Tour*, circuito de elite do surfe mundial) sem nenhum dinheiro:

Nessa época fiquei achando que ninguém queria me patrocinar porque estou fora dos padrões de beleza. Depois relaxei. Mas acho que teria sido mais fácil se eu fosse loirona de olhos verdes (TPM, p.80).

A também cearense Silvana Lima, surfista profissional, teve apoio de dois *shapers*, que lhe ofereceram gratuitamente moradia e alimentação no Rio de Janeiro, e é patrocinada pela marca gaúcha *Freesurf*. Porém, a ubatubense Suelen Naraísa, vice-líder do Super Surf, não possui patrocínio. Ela afirma “Como estou bem nos campeonatos, só posso achar que estão querendo investir apenas nas loirinhas” (TPM, 2003, p.80).

Os empresários de *surfwear* que patrocinam as atletas afirmam que o fator número um na hora de escolher em quem vão investir é a qualidade do surfe, mas admitem que a beleza ajuda (Leão, 2003). O gerente de marketing da Billabong (principal patrocinadora das surfistas que disputam o Super Surf), Marcelo Lagrotta explica:

Quem patrocina uma menina que não surfa nada se queima. Mas, se surfar bem e for gata, melhor (TPM, 2003, p.80).

Lagrotta complementa que dão preferência às garotas educadas e que saibam conversar. A surfista Claudia Gonçalves acaba sendo uma das prediletas dos patrocinadores, tanto por preencher esses requisitos citados acima como por outros citados por Sabóia, gerente de marketing da *Oackey*, umas das poderosas marcas que patrocina a surfista:

A Claudinha é um bom produto porque, além de surfar bem, é gatíssima, vem de uma família bacana, é educada, inteligente e carismática. Além disso, tem o lifestyle perfeito: frequenta praias legais, mora entre Florianópolis e Guarujá e está sempre de bom humor. (TPM, 2003, p.80-81)

Andréa Lopes, primeira brasileira a entrar no circuito mundial, diz que o comportamento é fundamental na hora de arranjar patrocínio, e confessa se preocupar em estar bem vestida, em aparecer na mídia com as roupas dos patrocinadores. Ela afirma: “ser loirinha é um extra” (TPM, 2003, p.81).

Porém, existem algumas grifes que estão descobrindo outras maneiras de vender as atletas sem dar tanta importância à imagem. A grife de *surfwear* feminina *Offsiren*, patrocinadora atual de Tita Tavares, resolveu investir na atleta por ela ser a melhor surfista do Brasil e protagonista de uma história de vida estimulante (Leão, 2003). Melita, responsável pela área comercial da marca, afirma na revista:

[...] Nasceu numa favela em Titanzinho, perdeu a mãe aos 5 anos e começou a surfar com uma tábua. O que me importa na hora de vender a marca é a atitude, não a beleza (TPM, 2003, p. 81).

Com este depoimento, e com esta história da Tita, já começam a se perceber novas configurações para as surfistas: abrem-se espaços para que a atleta seja reconhecida pelo que ela é e faz, independente de sua conformidade com o modelo feminino tradicional, imposto. Aqui, o que conta é a *atitude* da surfista, sua luta, sua batalha, sua garra, sua técnica: as meninas praianas e surfistas já tem outros modelos em quem se espelhar, podem ter sua própria cabeça...e corpo.

No entanto, a circulação e a visibilidade destes novos modelos esbarram na diferença entre a cobertura dada ao surfe praticado pelos homens e naquela feito pelas mulheres. Ao levantar essa questão na entrevista, somente uma

atleta declara não perceber diferença alguma. A grande maioria afirma o contrário:

Eu acho que homem tem muito mais divulgação do que a mulher. E sempre tem mais vaga pra homem, tanto que tem mais homem procurando. Apesar que aumentou muito o número de meninas agora. Está faltando vaga em muito campeonato, eu vejo muita menina esperando na lista de espera. Mas homem é sempre mais divulgado, sempre (Luiza).

O feminino está começando a se expandir um pouco mais. Sempre foi dado mais ênfase ao masculino. Só que hoje em dia está crescendo o surfe feminino, tem cada vez mais espaço. É claro que é menos, é bem menos, mas está crescendo (Carol).

Estudos relacionados a tipos diferentes de coberturas e publicações da mídia constatam que mulheres atletas têm sido pouco representadas (Fink, 1998). Outros estudos, segundo Fink (1998), revelam que apenas 15% de toda cobertura esportiva dos jornais eram sobre atletas mulheres, e a cobertura televisiva era de apenas 5% de esportes praticados por mulheres.

Marina cita outros tipos de diferenças, não apenas midiáticas, mas também materiais, que, em conjunto com a cobertura da imprensa, interferem diretamente no rendimento esportivo:

Existe muita diferença na mídia, na premiação. Eu várias vezes estou vendo um programa na televisão, por exemplo, Super Surf, cobertura assim, rápida. Eu fico esperando a hora de entrar a final feminina, pra eu ver os flashes que eu não vi e tal, e não entra. Vários campeonatos só mostram uma onda da menina que ganhou. E dos caras mostram

várias. Premiação por exemplo, no Super Surf o cara ganhou um carro. Um carro. Saveiro zero, animal! E as meninas ganham cinco mil reais. Menos que o triplo do que o cara ganha (MARINA).

Segundo Ireland⁹ (1993), citado em Wigmore (1996), além de receberem muito menos dinheiro do que os homens atletas, as mulheres atletas costumam enfrentar em sua trajetória falta de reconhecimento. Isto significa menos reportagens, menos aplausos e menos fama.

Leão (2003) confirma, na reportagem “Contra a Maré” da revista TPM,

O circuito brasileiro paga R\$ 5.000 à vencedora de cada uma das seis etapas anuais. Mesmo que uma só atleta ganhe todas, os R\$ 30 mil não seriam suficientes para cobrir as viagens bimestrais para Havaí, Austrália, África do Sul e Europa – obrigatórias para quem quer disputar o circuito mundial (Leão, 2003, p.80).

Confirmando a rápida e efêmera cobertura sobre o surfe feminino citada por Marina, Duncan et al (1994), verificaram em análise de seis semanas em um canal de televisão de Los Angeles que, a cobertura de esportes praticados por mulheres normalmente aconteciam, se aconteciam, no final ou no meio da transmissão, sendo que os homens receberam a cobertura principal quarenta vezes, e as mulheres foram centrais em apenas duas ocasiões.

Souza e Knijnik (2003), no estudo sobre a cobertura esportiva do jornal *Folha de São Paulo*, constataram que a cobertura de homens no esporte ocupa 82% do espaço.

⁹ IRELAND, M. Problems facing the athletic female. In A.J.Pearl (Ed.), *The athletic female*. Champaign, IL: Human Kinetics. 1993.

E as surfistas possuem suas teorias que justificam estas diferenças, teorias que as colocam em uma posição inferior, de aprendiz em relação a estes. Elas pensam que os homens sempre foram maioria no mar. As mulheres estão começando agora, aos poucos conquistando seu espaço. E que os homens começam a surfar muito cedo, desde criança, por isso possuem uma técnica muito superior às mulheres. Marina resume: “querendo ou não, eles dão *show* de surfe”.

Mas também é indiscutível a opinião que todas têm sobre o crescimento feminino no surfe. Hoje em dia, elas se sentem orgulhosas quando vêem uma atleta deixando o mar em um campeonato importante, e várias meninas correndo atrás dela para pedir autógrafo - se sentem pioneiras, que estão inspirando uma nova geração de meninas que admiram a qualidade do surfe e o estilo de vida destas profissionais.

DROP FINAL - (PRECISA MELHORAR, MAS A IDÉIA É FAZER ALGO CURTO E GENÉRICO, ABRINDO PERSPECTIVAS).

O Brasil possui uma imensa costa litorânea (cerca de 8 mil quilômetros). Dentro deste cenário, o surfe pode ser reconhecido como um fenômeno sociocultural muito importante na atualidade, com profunda influência na vida cotidiana de inúmeras pessoas. Por isso, podemos dizer que pensar sobre o surfe é pensar sobre o Brasil. O esporte está na moda, o estilo influencia *griffes* populares e luxuosas, além de estar presente em campanhas publicitárias dos mais diversos segmentos, de automóveis a telecomunicações. Até mesmo o cinema “hollywoodiano” se encantou com o estilo surfe.

Por ser um esporte barato e fascinante – a única aquisição a ser feita é uma prancha – o mar se torna uma mistura de culturas, classes sociais, valores,

raças e crenças. Neste ambiente, todos parecem iguais, todos e todas são surfistas em busca da melhor onda.

No entanto, as diferenças, nem tão sutis, aparecem continuamente, gerando novas desigualdades de oportunidades. As surfistas ainda se mostram enredadas numa teia de modelos rígidos de corpo e de identidade, que estão presentes hegemonicamente na cultura de gênero de nossa sociedade. E esta cultura se reforça sobre os corpos, os quais, nos dizeres de Judith Butler, só existem generificados, ou seja, são reconhecidos enquanto masculinos ou femininos, aqueles 'valendo' mais do que estes. (Butler, in Prins e Meijer, 2002).

O surfe, e sua cultura "praieira" profundamente enraizada no corpo, vem sendo um espaço de reconfiguração desta cultura de gênero, possibilitando que, aos poucos, surjam novos modelos e imagens de mulher, comprometidas com atitudes positivas e guerreiras. No entanto, além de sofrerem com dificuldades, baixa cobertura da imprensa, poucos patrocínios, estas atletas também convivem e são parte desta cultura que atribui valor a certos estereótipos de mulher, que atribui valor aos corpos sexuados delas, retirando o poder destes corpos, reforçando o papel submisso e serviçal da mulher.

Esta primeira geração de surfistas brasileiras, abrindo espaços, reproduzindo e concomitantemente questionando modelos de gênero, influenciando e vivendo em meio a esta cultura, é pioneira em abrir novas possibilidades para as meninas que vivem na praia e adoram o litoral e o mar brasileiro.

Que sejam elas ícones e vanguarda de novas relações de gênero no litoral e no esporte brasileiro, baseadas na igualdade de oportunidades para todos e todas atletas, e livres de estereótipos que gerem preconceitos e

discriminações que impeçam as pessoas de expandirem todo o seu potencial esportivo e humano!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADELMAN, M. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, 11(2): 445-465, 2003.

ADELMAN, M. *The challenge of amazons: the construction of women's identity as athletes and equestrians in Brazilian's showjumping*. Paper presented at the (?) Annual Meeting of the American Sociological Association, San Francisco, ????

ÁRIAS, M. Surf Gênese. A antropologia do surf – encarte integrante da edição #8 da revista *Alma Surf*, cap. I, p.2-23, 2003.

BUTTS, Dr. Steven L.. *Good to the last Drop: Understanding surfers' motivations*. United King, 2003. Disponível em: <<http://www.physed.otago.ac.nz/sosol.htm>>. Acesso em: 17 fev. 2003.

CASTRO, Ana Lúcia de. Culto al Cuerpo, Modernidad y Medios de Comunicacion. UNICAMP/FAPESP [Artigo Científico]. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, Buenos Aires, ano 3, n.9, mar.1998. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com.htm>>. Acesso em: 18 out. 2001.

DOWLING, C. *The frailty myth: women approaching physical equality*. New York, Random House, 2000.

DUNCAN, M; MESSNER, M.; WILLIAMS, L.; JENSEN, K. Media, sport and gender. In: Birrel, S. & Cole, C. (Org.). *Women, Sport and Culture*. USA: Human Kinetics. 1994, p.245-272.

- FARIAS, P. Corpo e classificação de cor numa praia carioca. In: GOLDENBERG, M. (org). *Nu e Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002, p.189-261.
- FINK, J. Female Athletes and the Media: Strides and Stalemates. *Journal of Physical Education, Recreation and Dance*. V.69, n.6, p.37-40, 1998.
- GOELLNER, S. V. Educação Física e a Construção de imagens de feminilidade no Brasil nos anos 30 e 40. *Movimento* [S. l.], ano VII, n.13, p. 61-70, 2000/2
- LUCATO, S; KNIJNIK, J.D.; SIMÕES, A.C. Initiation and practical school sporting and psychosocial-cultural dimensions in the perception of the parents. In: WORLD CONGRESS OF SPORT PSYCHOLOGY, 10. Skiathos, 2001. *Program & Proceedings*. Skiathos, International Society of Sport Psychology, 2001. V.4, p.124-126.
- KAMPION, D.; BROWN, B. *Stoked: uma história da cultura do surf*. Tradução Sandra Oliveira. Lisboa, 1998.
- KNIJNIK, J.D. *A mulher brasileira e o esporte: seu corpo, sua história*. São Paulo, Editora Mackenzie, 2003.
- KNIJNIK, J. D.; SIMÕES, A. C. Ser é ser Percebido: uma radiografia da imagem corporal das atletas de handebol de alto nível no Brasil. *Revista Paulista de Educação Física*, São Paulo, v.14, n. 2, p. 196-213, 2000.
- KOLNES, L. J. Heterosexuality as na Organizing Principle in Women's Sport. *International Review for the Sociology of Sport*. V.30, n.1, p.61-77, 1995.
- LEÃO, R. Imagem não é tudo – contra a maré. *Revista TPM – Trip para mulher*. ano 02, n. 24, p. 78-81, ago. 2003.
- LOPES, A. Biografia. Disponível em: <<http://www.andrealopes.com.br>>. Acesso em: 01 set. 2003.

- MARINHO, A. Natureza, Tecnologia e Esporte: Novos Rumos. *Conexões: educação, esporte, lazer*. Campinas, v.1, n.2, p.60-69, jun. 1999.
- METAPHYSICAL: *Surfing on a High Level*. Video. Sidney, Quicksilver International, 1997.
- MINC, E. Reportagens: *Vovó do surfe. Istoé Gente*. 2002. Disponível em <<http://www.terra.com.br/istoegente/169/reportagens/fernandaguerra.htm>>. Acesso em: 13 out. 2003.
- PRINS,B; MEIJER, I.C. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. *Estudos Feministas*, 10 (1), 2002, p. 155-167.
- SOUZA, J. S.; KNIJNIK, J. D. Duas semanas de cobertura esportiva da Folha de São Paulo analisados sob a ótica de gênero. *XXVI Congresso anual em ciência da comunicação*, anais em CD ROM. Belo Horizonte, 02 a 06 de set. 2003.
- WIGMORE, S. Gender and sport: the last 5 years. *Sport Science Review*. V.5, n.2, p. 53 – 71, 1996.